

País começa ano com mais demissões

Dados do Caged apontam para o fechamento de quase 100 mil postos de trabalho em janeiro; São Paulo registrou o pior desempenho

Bernardo Caram / BRASÍLIA

Depois de registrar o fechamento de 1,5 milhão de vagas formais de emprego em 2015, o País iniciou o ano com mais um dado ruim no mercado de trabalho. O saldo de empregos em janeiro foi negativo em quase 100 mil postos, número ainda pior que o dado já ruim de janeiro do ano passado, quando ficou negativo em 81,7 mil vagas.

O resultado, fruto de 1,2 milhão de admissões e de 1,3 milhão de desligamentos, é o pior para o mês desde 2009, quando houve forte impacto da crise internacional na economia brasileira. Naquele ano, por exemplo, o saldo de empregos em janeiro foi de menos 101,7 mil postos. Os números compilados no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) foram divulgados ontem pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social.

Trata-se da primeira vez, desde o início da gestão petista, em 2003, que o estoque de empregados no País registrou uma

queda em janeiro na comparação com o primeiro mês do ano anterior. Hoje, são 39,6 milhões de trabalhadores celetistas no mercado brasileiro, contra 41,2 milhões em janeiro de 2015.

Expectativa. Apesar do resultado negativo, os números vieram melhores em relação ao que esperava os analistas do mercado, que tinham projeções ainda mais pessimistas. Levantamento feito com 22 instituições financeiras pelo **Broadcast**, serviço de notícias em tempo real da Agência Estado, chegou a uma mediana que apontava para o fechamento de 141 mil postos, número pior do que o divulgado ontem.

Pela divisão de setores, o comércio foi responsável pela maior parte do encerramentos



NA WEB
Online. Como ter renda extra em meio à crise

estadao.com.br/e/rendaextra

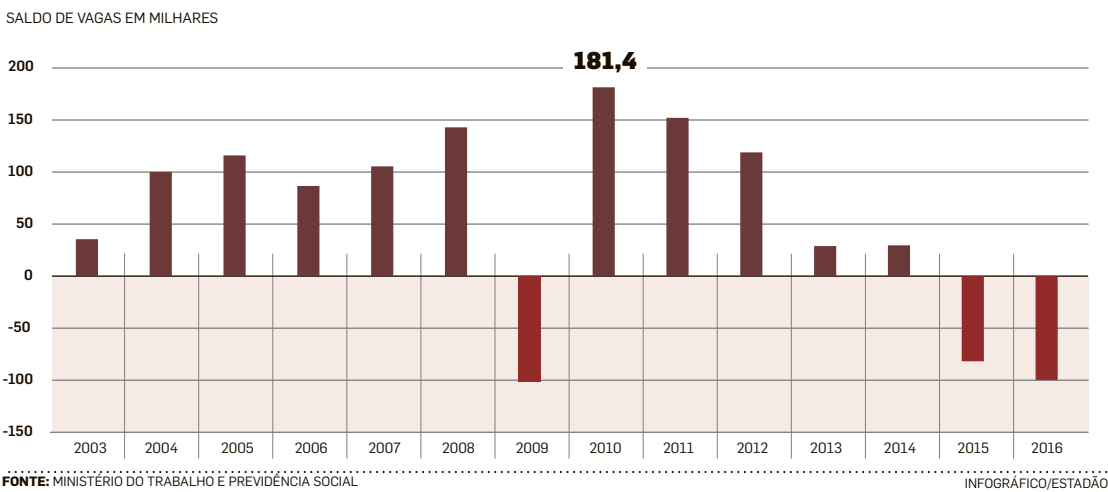
de empregos com carteira assinada no mês passado. No total, foram fechadas 69,8 mil vagas, fruto de 286,5 mil admissões e 356,3 mil desligamentos.

Análise. Na avaliação do economista da LCA Consultores Fábio Romão, o Caged realmente veio melhor que o esperado pelo mercado porque, mesmo com o maior número de vagas fechadas, o comércio contratou menos trabalhadores temporários no fim de 2015 e, portanto, tinha menos mão de obra para se desfazer no começo de 2016. “Não se pode achar que o número abaixo do esperado é uma notícia boa porque claramente o comércio contratou menos”, afirmou o especialista.

O segundo pior destaque ficou com o setor de serviços, que registrou menos 17,2 mil vagas no mês. O dado foi acompanhado pela indústria de transformação, com menos 16,5 mil postos. Para o economista-chefe da SulAmérica Investimentos, Newton Camargo Rosa, a queda “modesta” da indústria apresentada no levantamento é

TRAJETÓRIA DE QUEDA

● Com dados do emprego novamente caindo, janeiro teve pior resultado desde 2009



um sinal de que o ajuste no emprego feito nesse setor pode estar chegando ao fim. “A indústria saiu na frente nas demissões e já não tem muito mais onde cortar. Por outro lado, o comércio e os serviços ainda têm alguma gordura e estão sentindo os impactos da recessão econômica”, afirmou.

Ainda de acordo com o Caged, a construção civil fechou 2,6 mil vagas. Já o setor extrativa mineral teve saldo, também negativo, de 1,2 mil empregos. O único setor com desempenho positivo em janeiro deste ano foi a agricultura, que abriu 8,7 mil vagas formais segundo os dados do ministério.

Apenas três Estados tiveram saldo positivo: Rio Grande do Sul, com mais 7,3 mil vagas, Santa Catarina, com 7,2 mil novos postos, e Mato Grosso com 6,9 mil empregos a mais. A unidade federativa que mais encerrou postos foi São Paulo, com saldo negativo de 27 mil empregos. / **COLABOROU MARIO BRAGA**

Construção registra queda na atividade

Pesquisa da CNI aponta ainda recuo no emprego e pessimismo do setor para os próximos seis meses

Lorema Rodrigues / BRASÍLIA

A indústria da construção iniciou 2016 com queda na atividade e no emprego e pessimista em relação aos próximos seis meses do setor. De acordo com a pesquisa Sondagem Indústria da Construção, divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), o indicador que mede o nível de atividade ficou em 33,6 pontos, ante 33,3 registrado em janeiro.

Pela metodologia da pesquisa, números abaixo de 50 indicam queda na atividade.

A utilização da capacidade de operação fechou janeiro em 56%, 1 ponto percentual acima da marca registrada em dezembro de 2015, mas 4 pontos abaixo de janeiro de 2015 e 10 pontos menor do que a média histórica do indicador.

O índice de atividade efetivo usual ficou em 26,5 pontos no primeiro mês do ano. O indicador acumula queda de 9,4 pontos nos últimos 12 meses. Também o número de empregados demonstra queda, ainda que um pouco menor do que a registrada no mês anterior. Em janeiro, o indicador ficou em 33,8 pontos, ante 33 em dezembro do ano passado.

Expectativas. A indústria da construção está um pouco menos pessimista em relação aos próximos seis meses, mas as expectativas continuam negativas. O indicador que projeta o nível de atividade para o período ficou em 39,8 pontos, – ante 37,7 na pesquisa anterior. Para novos empreendimentos, o número ficou em 38,1. Em relação ao número de empregados, o indicador ficou em 38,5 pontos e, no caso da compra de insumos, em 38,1 pontos, todos indicando retração nos próximos seis meses.

A pesquisa da CNI foi feita com 590 empresas, de 1.º a 18 de fevereiro.



Caderno universitário **SPIRAL**
Capa dura,
20 matérias, 400 folhas
Cód. 130394, 129340,
129328, 129339

Caderno anotações Paris **SPIRAL**
Formato 9,2 x 17 cm,
mesclado, 80 folhas
Cód. 115061



Ofertas válidas até 6.3.2016 ou enquanto durarem nossos estoques.

VENDAS PARA EMPRESAS
GRANDE SÃO PAULO OUTRAS LOCALIDADES
11 3347-7000 0800-0195566

As ofertas anunciadas terão validade em nossas lojas, na Internet e no TeleVendas. No caso de promoções que envolvam trocas, a apresentação de NF e outros similares terão validade apenas em nossas lojas. Garantimos o estoque de 40 unidades de cada produto ofertado na rede até o término desta promoção ou enquanto durarem nossos estoques. No TeleVendas, exclusivamente para a capital de São Paulo e Grande Rio de Janeiro, o frete é grátis para compras acima de R\$ 250,00. Para os pedidos abaixo desse valor, o frete será por conta do cliente. Promoção para todos os tipos de mercadorias. Para vendas a prazo em cheque, com ou sem juros, somente com aprovação cadastral. Apresentação de CPF, RG, referências pessoais, comprovantes de residência e de rendimento para Pessoa Física. Para Pessoa Jurídica, atestar CNPJ, documentos dos sócios, referências comerciais e bancárias. As parcelas mínimas em cheques são de R\$ 30,00 cada. Não abrimos embalagens. SACK - Serviço de Atendimento ao Cliente Kalunga: 11 3346-8966. • Parcelamento em até 12x sem juros nos cartões de crédito participantes para compras de material escolar acima de R\$ 150,00 (consulte produtos participantes). Promoção válida de 1º/1/2016 a 15/3/2016.

Kalunga.com
+140lojas

Confiança do comércio cresce em fevereiro

Apesar da melhora do índice, reação ficou concentrada em poucas áreas e não há razão para comemorar, diz FGV

Idiana Tomazelli / RIO

A confiança do comércio subiu 0,7 ponto em fevereiro ante janeiro, para 69,1 pontos, o maior nível desde agosto de 2015, informou ontem a Fundação Getúlio Vargas (FGV). Mas o avanço foi concentrado em poucas atividades e não deve servir de motivo para comemorações, segundo a FGV. “Por dentro da sondagem, há vários sinais de que ainda não dá para comemorar”, afirmou Aloisio Campelo, superintendente adjunto de Ciclos Econômicos da FGV.

Um desses indicadores é o de emprego previsto, que caiu 3,3 pontos em fevereiro ante janeiro, ao menor nível da série histórica iniciada em março de 2010. “Isso é um sinal de que as reduções de pessoal ocupado no setor devem aumentar nos

próximos meses”, afirmou Campelo.

Demissões. O aumento do custo da mão de obra deve estimular as demissões. Segundo a FGV, esse fator (em geral associado a períodos de aquecimento da economia) tem incomodado cada vez mais os comerciantes. Em fevereiro, foi citado por 28,3% deles, um recorde na pesquisa, provavelmente pela pressão do reajuste de 11,6% no salário mínimo (mesmo em meio à queda nas vendas).

Outro ponto é que o avanço das expectativas, que determinou a melhora no índice de confiança este mês, foi sustentado pela redução do pessimismo, mas não por aumento do otimismo de empresários. “Não acho que exista motivação para crer em um ciclo de alta no indicador”, disse Campelo.

Além disso, as avaliações sobre a situação atual pioraram neste mês, com crescimento da insatisfação com o volume atual de demanda. Ao todo, 45,4% dos empresários reclamam da demanda insuficiente

Famílias perdem poder aquisitivo, apesar de aumento no rendimento

Alta de quase 6% na renda domiciliar per capita em 2015 não cobriu a inflação de 10,7% no período

Daniela Amorim / RIO

Pressionado pela inflação e pela deterioração do mercado de trabalho, o poder aquisitivo das famílias diminuiu na passagem de 2014 para 2015. O rendimento nominal mensal domiciliar per capita no País foi de R\$ 1.113 no ano passado, quase 6% acima dos R\$ 1.052 registrados no ano anterior. No entanto, o aumento ficou longe de superar a inflação oficial no período, de 10,67%, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

“Isso quer dizer que você conseguiu repor só metade da inflação do período”, ressaltou o economista Gilberto Braga, professor de Finanças do Ibmec/RJ.

Os ganhos foram menores por conta do avanço do desemprego, redução no número de ocupados, perda de vagas com carteira assinada e queda na renda real dos trabalhadores mostrados em indicadores divulgados pelo próprio IBGE nos últimos meses. “E os desempregados que voltaram ao mercado de trabalho estão aceitando remunerações inferiores. São fenômenos muito típicos de momentos de crise como esse que estamos vivendo”, completou Braga.

O IBGE ainda não divulgou o motivo oficial para a perda real na renda domiciliar per capita. As informações detalha-

das sobre os rendimentos do trabalho no ano passado só estarão disponíveis em março, enquanto que a desagregação da renda obtida de todas as fontes só será divulgada em maio, explicou Cimar Azeredo, coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE.

“A renda domiciliar per capita variou 6%, mas isso pode se reverter em queda se a inflação for aplicada”, reconheceu Azeredo. “Esse rendimento é referente a todas as fontes, inclui trabalho, aluguel, rendimento da poupança, transferências de programas sociais, enfim, tudo entra aí”, lembrou.

Distribuição. As famílias do Distrito Federal permaneceram no topo do ranking de rendimentos, com R\$ 2.252, enquanto as do Maranhão, na lanterna, receberam menos de um quarto do que detêm os mais ricos, apenas R\$ 509. São Paulo foi o Estado com maior rendimento domiciliar per capita, R\$ 1.482, seguido por Rio Grande do Sul (R\$ 1.435), Santa Catarina (R\$ 1.368), e Rio de Janeiro (R\$ 1.285), que no último ano ultrapassou o Paraná (1.241).

● **Perda real**
R\$ 1.113
foi o rendimento nominal mensal por domicílio no País no ano passado, avanço de 6% em relação a 2014

● **R\$ 1.052**
tinha sido o rendimento nominal por domicílio no País em 2014, segundo o IBGE



Motivos. Dados detalhados sobre os rendimentos serão divulgados em março, diz Azeredo

Apesar da amplitude de variações registradas pelos Estados na passagem de 2014 para 2015 – que foram desde um ganho de 18% no Rio Grande do Norte até uma queda de 1% nos Estados de Alagoas e Mato Grosso do Sul –, houve pouca mudança nas posições do ranking.

Os mais pobres permaneceram mais pobres, enquanto os mais ricos mantiveram-se à frente com muita folga.

“Não tem nenhum Estado que aparentemente tenha se

dado melhor na crise. O resultado mostra que a gente chega num momento em que são necessárias mudanças estruturantes e estruturais. Políticas pontuais não vão reverter o quadro”, avaliou Braga.

O IBGE envia ao Tribunal de Contas da União as estimativas de rendimento nominal domiciliar per capita em 2015 para o Brasil e as 27 unidades da federação, para que sirvam de base para o rateio do Fundo de Participação dos Estados (FPE), conforme definido pela

Lei Complementar n.º 143, de julho de 2013.

A Pnad Contínua é uma pesquisa domiciliar que, a cada trimestre, levanta informações socioeconômicas em mais de 200 mil domicílios, distribuídos em cerca de 3,5 mil municípios. Entram no cálculo do rendimento domiciliar per capita todos os rendimentos do trabalho e de outras fontes recebidos por morador no mês de referência da entrevista, considerando todas as pessoas que vivem do domicílio.